



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Eduarda da Silva Bocks

Como podemos criar jogos que incluem alunos com e sem autismo
dentro de uma classe regular?

Orientador: Prof Dr Maria Vitoria Campos Mamede Maia

Rio de Janeiro/RJ

Dezembro/2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
(CFCH) FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM
PEDAGOGIA

Como podemos criar jogos que incluem alunos com e sem autismo
dentro de uma classe regular?

Eduarda da Silva Bocks

Monografia apresentada à Faculdade de
Educação da UFRJ como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

Orientador: Prof Dr Maria Vitoria Campos Mamede Maia

Rio de Janeiro/RJ
Dezembro/2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
(CFCH) FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**LICENCIATURA EM
PEDAGOGIA**

Como podemos criar jogos que incluem alunos com e sem autismo
dentro de uma classe regular?

Eduarda da Silva Bocks

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da
UFRJ como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: //_____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profª Drª Maria Vitoria Campos Mamede Maia

Parecerista: Profª Drª Ana Iveniki (UFRJ-FE)

Parecerista: Prof Ms Camila Nagem Vieira (Colégio Pedro II)

Dedicatória

Dedico esta monografia, em primeiro lugar, a Deus, por ter me dado forças de prosseguir com garra e alcançar meu objetivo.

Dedico igualmente à minha escola e às minhas crianças que me dão a cada dia entusiasmo e força para não desistir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me fazer realizar o sonho de me formar pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, por ter me dado garra quando achei que não iria conseguir a tão sonhada vaga, por ter me dado forças durante esses quatro anos e meio de curso.

Aos meus pais Gilvanete e Eduardo, meus maiores exemplos por todo carinho, e dedicação por não medirem esforços para que eu chegasse até aqui.

Aos meus irmãos Fernanda e André por toda compreensão e credibilidade no meu potencial.

Agradeço também aos meus familiares todo o apoio, incentivo e amor incondicional.

Aos meus amigos Thamires Barros, Paulo Roberto e Thamires Santos por acompanharem toda a minha trajetória e por todo o carinho e amizade que percorreram todos esses anos e presenciaram diversos momentos de desespero e que com suas palavras de apoio não me deixaram desistir.

Ao meu namorado Geovane Sant'Anna que apareceu no momento certo de minha vida. Obrigada por toda paciência, amor, carinho e companheirismo que percorreram esses últimos momentos da minha trajetória acadêmica no curso de Pedagogia.

Agradeço à minha querida e amada equipe escolar Sonia Maria Pereira, Vera Amora, Suraia França e novamente à minha amiga Thamires Barros por todo o apoio e flexibilidade nos horários que precisei estar ausente de meu trabalho para que eu pudesse concluir o tão sonhado curso

À minha amiga Maria Regina, que fundou a escola na qual é tema de minha pesquisa. Obrigada por toda a confiança e por acreditar que permanecerei com o lindo trabalho realizado desde sua fundação.

E em especial à minha querida orientadora Prof Dra Maria Vitoria Maia

(Vicky), que mesmo com seus problemas pessoais de saúde não desistiu de acompanhar, questionar e compartilhar o seu conhecimento.

Sem vocês eu não teria chegado até aqui.

“Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode leva-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre tem um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados.

O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.”

(Rubem Alves)

Sumário

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: AUTISMO	16
1.1 - O que é autismo e principais sintomas	16
1.2 – A importância do lúdico no processo de ensino aprendizagem de alunos com autismo	17
As Atividades Lúdicas: O Jogo	18
1.3 A importância da mediação	19
1.4 – A importância da inclusão	21
CAPÍTULO 2 UMA ESCOLA SONHADA E QUE HOJE EXISTE	25
CAPÍTULO 3: A SALA DE JOGOS DE UMA ESCOLA SONHADA – A CRIATIVIDADE EM JOGO A FAVOR DA INCLUSÃO	33
Considerações finais	45
Referências Bibliográficas	47

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1 – Capa do Jornal	31
Imagem 2 – Pintura de Alfredo Volpi e texto coletivo	31
Imagem 3 – Gráfico	32
Imagem 4 – Pesquisa dos escudos	32
Imagem 5 – Hino do time Fluminense	32
Imagem 6 – Capa do livro releitura de Vinícius de Moraes	33
Imagem 7 – Parte interna do livro.....	33
Imagem 8 – Trabalhando o nosso rosto.....	37
Imagem 9 – Tabuleiro Matemático	38
Imagem 10 – Aprendendo as horas	38
Imagem 11- Par ou ímpar?	39
Imagem 12 – Pareamento	40
Imagem 13 – Caça palavras	40
Imagem 14 - Grande ou pequeno?	41
Imagem 15 – Formas geométricas e cores	42
Imagem 16 – Alfabeto Móvel	42
Imagem 17 – Explorando o cotidiano	43
Imagem 18 – Tablet sustentável	44
Imagem 19 – Descobrimos as profissões	44
Imagem 20 – Ontem, hoje e amanhã	45
Imagem 21 – Trabalhando as formas, cores e quantidade	46
Imagem 22 – Alinhavo	46
Imagem 23 – Livro Sensorial	47

RESUMO

Em um contexto de educação inclusiva, este presente trabalho monográfico propõe a trazer alguns conceitos e características do autismo e a refletir sobre as diversas possibilidades a serem trabalhadas com alunos com esta síndrome dentro das classes regulares. O tema foi escolhido por ser de vivência da autora deste trabalho durante o curso de Pedagogia. Nesta pesquisa buscou-se trabalhar o conceito de inclusão como uma luta histórica para que se diminua a exclusão no Brasil. A discussão sobre autismo nesta monografia possui características de uma visão psicológica. Os referenciais teóricos estudados sobre alunos com autismo incluídos em classes regulares vão ao encontro do que a autora desta monografia vivenciou.

Palavras chave: Autismo, Metodologia Inclusiva, Jogos

ABSTRACT

In a context of inclusive education, this present monographic work proposes to bring some concepts and characteristics of autism and to reflect on the different possibilities to be worked for students with this syndrome within the regular classes. The theme was chosen because it is the experience of the author of this work during the course of Pedagogy. In this research, we sought to work on the concept of inclusion as a historical struggle to reduce exclusion in Brazil. The discussion on autism in this monograph has characteristics in a psychological view. The theoretical references studied on students with autism included in regular classes are in agreement with what the author of this monograph has experienced.

Keywords: Autism, Inclusive Methodology, Games

INTRODUÇÃO

Apesar de existirem muitas literaturas sobre o autismo há mais de 60 anos, ele ainda é desconhecido de uma grande parte da população brasileira.

Mesmo os professores que já ouviram alguma vez durante sua formação o termo citado acima, ignoram as discussões sobre o assunto desconhecendo suas principais características.

Pessoas com autismo possuem como principais características aspectos que estão interligados à comunicação/linguagem, comportamentos estereotipados e interação social.

Atualmente existem alunos com autismo frequentando escolas especiais ou escolas regulares, porém nas escolas regulares há pouca iniciativa na inclusão destes alunos. Independente dos alunos com autismo estarem frequentando escolas especiais ou regulares é necessário que o mesmo possua recursos pedagógicos de apoio ao seu aprendizado.

Grandes discussões acerca da educação inclusiva está diretamente ligada às adaptações curriculares e dos suportes pedagógicos.

Suplino (2009),

Penso que para o estabelecimento de uma inclusão efetiva para alunos portadores de Transtornos Invasivos do Desenvolvimento, seria necessário discutir sobre que “suporte necessário à ação pedagógica” se está falando, bem como quais seriam as “adaptações curriculares” necessárias. Uma escola realmente inclusiva, estaria disposta a lidar com a heterogeneidade e com a diversidades nos Parâmetros Curriculares foram definidas adaptações curriculares como “estratégias e critérios de atuação docente, reconhecendo que existam decisões. (p.5)

Sendo assim, a escola deve ser capaz de compreender o aluno autista como um todo e que considere que tem muito a oferecer e de que eles são capazes de aprender desde o momento que se tenha um material adaptado à sua realidade.

Segundo Cunha (2011), a prática pedagógica é uma grande oportunidade tanto para profissionais quanto para os familiares construírem um vasto repertório de ações que incluam o aprendente com autismo. Para ele a educação especial recebeu um maior destaque na LDB nº 9394/96 (BRASIL,2016) do que nas anteriores e no Capítulo V desta lei, que trata da

questão da educação especial, se todos os artigos forem cumpridos com seriedade, teremos uma educação especial satisfatória. A lei diz o seguinte:

Da Educação Especial

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

II – terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV – educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V – acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

Art. 60. Os órgãos normativos dos sistemas de ensino estabelecerão critérios de caracterização das instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial, para fins de apoio técnico e financeiro pelo Poder público.

De acordo com a LDB, observa-se a importância da prática do professor regente da turma no processo de inclusão de alunos com deficiências e no caso específico deste trabalho, com espectro autista, conforme podemos ver nos artigos da respectiva Lei que tratam do assunto. De acordo com o inciso I do art 59 verificar a existência do currículo, dos métodos, das técnicas, dos recursos educativos e das organizações específicas para atender às necessidades dos educandos; e, de acordo com o inciso III do mesmo artigo, observar se os professores possuem especialização adequada em nível médio ou superior para tal atendimento especializado, assim como professores do ensino regular capacitados para a integração desses alunos da educação especial nas classes regulares.

Tendo em vista as considerações acima, foi possível, então estabelecer a questão primordial que levou o surgimento desta pesquisa: Como podemos criar jogos que incluem alunos com e sem autismo dentro de uma classe regular?

O problema exposto acima foi de vivência da autora desta monografia como professora e agora gestora de uma instituição particular ao longo do curso de pedagogia, provocando na mesma um grande interesse pelo assunto de educação inclusiva, especificamente de alunos autistas.

Ao fazer uma pesquisa com as palavras chave norteadoras em novembro de 2015 de minha monografia, quais sejam, autismo, jogos pedagógicos, inclusão e metodologia inclusiva, nos sites da CAPES, DOMÍNIO PÚBLICO, MINERVA e SCIELO, primeiro uma a uma, depois em pares, percebi que esse tema demanda ainda pouca pesquisa no âmbito a Educação. Na busca que fiz, coloquei em pares as palavras Autismo e Educação e foram encontrados na base do Capes vinte e seis trabalhos, nas bases Minerva, Domínio Público e Scielo não encontrei nenhum trabalho e nos pares de Metodologia inclusiva e Autismo, encontrei quinze trabalhos somente na base do Capes, e Autismo e Jogos foram encontrados seis trabalhos também da base Capes, e por esse motivo, torna-se relevante o meu tema de pesquisa que ora proponho.

A inclusão escolar lança um debate que vai além da garantia dada por lei, pois é necessário que a escola como uma instituição inclusiva esteja preparada para receber esses alunos, reconhecendo suas limitações, diferenças e necessidade para que assim possam ser melhor atendidos.

Portanto, o tema proposto é de grande importância à medida que proporciona a reflexão sobre as práticas pedagógicas que envolvem crianças com autismo em classe regular, podendo contribuir, como afirma Martins (2007):

para a construção e divulgação do conhecimento acerca dos processos de desenvolvimento e de aprendizagem de crianças especiais, como as autistas, bem como refletir e discutir acerca de concepções e o modo de intervenção educacional voltado para a inclusão escolar desses sujeitos em desenvolvimento.” (p. 13)

A metodologia utilizada nesta monografia foi o estudo de caso e que segundo Araújo et. al (2008) trata-se de uma abordagem metodológica de investigação, quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos. Ele é um método qualitativo e analisa de forma intensiva uma situação particular. Sendo assim visa identificar o problema, analisar evidências, desenvolver argumentos lógicos, avaliar e propor soluções. O objetivo geral desta pesquisa consistiu em apresentar algumas concepções sobre o autismo e apresentar possibilidades de incluir os mesmos a partir de materiais pedagógicos utilizados como recursos no processo de ensino-aprendizagem de alunos com e sem autismo.

Os objetivos específicos que complementam a principal finalidade da monografia foram:

- Contribuir para o conhecimento sobre o autismo e suas principais características;
- Apresentar alguns caminhos que podem ser traçados em classes regulares com alunos autistas a partir da experiência vivida pela autora desta monografia.

Esta pesquisa teve a pretensão de levar conhecimento acadêmico sobre autismo, as leis pela qual estão amparados e a oportunidade de mostrar aos profissionais da educação de que é possível sim incluir alunos com autismo e que é de grande valia a convivência de alunos sem síndromes com alunos autistas.

Sendo assim, optou-se por dividir esta pesquisa em três capítulos: Autismo, Uma escola sonhada e que hoje existe, Uma escola sonhada e que hoje existe – a criatividade em jogo a favor da inclusão.

No primeiro capítulo, foram levantadas algumas questões sobre o que é o autismo, seus primeiros estudos e principais sintomas segundo Orrú (2011), é falado também sobre novos estudos com células tronco e a busca pelo tratamento e diagnóstico segundo Moutri (2008). Também foi abordado sobre a importância do lúdico e o processo de aprendizagem de uma criança na perspectiva de Kishimoto (2011) e Vygostky (1989). Ainda no primeiro capítulo é falado sobre a mediação dentro da classe regular na visão de Mousinho (2010) e Cunha (2013) e sobre o processo de inclusão na visão de Suplino (2009).

O segundo capítulo foi falado exclusivamente da escola na qual trabalhei de 2011 à 2013, onde a dona da instituição é avó de um autista e que cansada de procurar escolas no Rio

de Janeiro que tivessem o comprometimento com a educação inclusiva, funda a sua própria escola. É citado de que a escola trabalha com Pedagogia de Projetos, onde é trazido concepções de Dewey, Kilpatrick e Maia (2016). Também neste capítulo é falado da importância da valorização da experiência da criança segundo Pestalozzi.. É relatado também que neste ano de 2016, a autora desta monografia passa a ser a atual gestora da instituição. É apresentado também alguns trabalhos com a turma da autora desta monografia enquanto esteve como professora.

No terceiro capítulo foi mostrado imagens de diversos materiais utilizados como recursos pedagógicos e que foram confeccionados pela própria equipe da instituição. É falado também de que materiais foram feitos, a que segmento pode ser utilizado e os objetivos de cada um.

Por fim, conclui a pesquisa deixando enfatizado que é possível incluir alunos com autismo dentro das salas regulares a partir de materiais adaptados nas dificuldades e limitações de cada um.

CAPÍTULO 1: AUTISMO

1.1 - O que é autismo e principais sintomas

Aparecendo nos primeiros anos de vida, provenientes de causas genéticas, o autismo possui no seu espectro incertezas que dificulta, na maioria dos casos, seu diagnóstico precoce. Muito tem demandado estudos e indagações, porém ainda permanece desconhecido de grande parte dos educadores. Autismo é uma palavra de origem grega (*autós*), que significa “por si mesmo”. Este termo é utilizado dentro da psiquiatria para denominar comportamentos humanos que se centralizam em si mesmos, voltados para o próprio indivíduo. Não há um padrão fixo da forma como ele se manifesta e os seus sintomas variam significativamente. Os mesmos tornam-se aparentes por volta dos três anos de idade, percebe-se na criança o uso insatisfatório de sinais sociais, emocionais e de comunicação, além disso, a falta de reciprocidade afetiva é grande.

Os primeiros estudos sobre autismo, segundo Orrú (2011), ocorreram na década de 40 por Léo Kanner, um psiquiatra austríaco, residente nos Estados Unidos. Ele dedicou-se ao estudo e à pesquisa de crianças que apresentavam comportamentos estranhos e peculiares, caracterizados como estereotípias, por outros sintomas aliados a uma grande dificuldade nas relações interpessoais. Um dos principais sintomas observados no autismo é o déficit cognitivo, ficando em desvantagens em relação a outras crianças e a grande dificuldade de expressar seus sentimentos e emoções, pela sua dificuldade em se colocar no lugar do outro e de compreender a realidade dos fatos. Outro fator muito importante a ser destacado é a fixação do autista por algo específico, que faz sua atenção parecer ausente e, por esse motivo, a criança autista vai se fechando em seu mundo interior, afetando e prejudicando a sua comunicação verbal e seu cotidiano.

Geralmente a dificuldade na comunicação não se restringe somente a fala. Se a criança necessitar de algo, solicitará ao adulto, pegará em sua mão e levará ao que ela deseja. Perante a estas alterações na comunicação, a criança com autismo parece estar totalmente desligada do meio, sendo difícil prender sua atenção para algo que não lhe interessa.

Vale ressaltar que as características cognitivas de cada criança autista, depende da sua faixa etária e principalmente o grau e a presença ou não de retardo severo.

Uma nova linha de pesquisa com células tronco surge em busca do tratamento e diagnóstico do Autismo. Muotri¹, autor do livro “ Células – Tronco Simples Assim” desde 2008 observou a partir das células de crianças autista que, além das célula terem formas diferentes, os neurônios são menores, com menos espinhas neurais- as partes das células que fazem as sinapses. Este pesquisador elaborou um teste usando algumas drogas experimentais, tratando os neurônios dos Autistas e, após duas semanas os neurônios derivados das crianças autistas passaram a se comportar de forma indistinguível da dos neurônios vindos de crianças não autistas. Uma dessas drogas está sendo testada clinicamente, ou seja, diretamente nos pacientes. Essa pesquisa abre uma nova esperança na “cura” futura do Autismo.

1.2 – A importância do lúdico no processo de ensino aprendizagem de alunos com autismo

Os dias de hoje exigem de nós, educadores, alternativas diversas visando solucionar as dificuldades encontradas na sala de aula, além de oferecer caminhos para a busca de novas soluções cada dia mais criativas e inovadoras. É comum a vivência de situações em que é preciso criar a intervenção psicopedagógica que será efetivada em função das necessidades especiais da criança. Os jogos e materiais psicopedagógicos possuem um papel fundamental neste momento, porque as atividades lúdicas podem levar a criança a grandes descobertas, conhecimentos e experimentação de possibilidades, despertando seu interesse.

Segundo Kishimoto (2011), o processo de aprendizagem de uma criança é compreendido como um processo pluricausal, abrangente, implicando componentes de vários eixos de estruturação: afetivos, cognitivos, motores, sociais, econômicos, políticos e etc. Para tanto, é fundamental que, no dia a dia, sejam criadas oportunidades e situações onde a criança possa exercitar a tomada de decisões, manifestar sua autonomia, a cooperação, fazer opção, emitir opinião, conviver com o ganhar e perder, formar a autocrítica, entre outros aprendizados.

As atividades lúdicas têm um infinito valor para o desenvolvimento infantil na interação de comunicação, de expressão, de criatividade, de situações novas, estimulantes

¹ brasileiro, Biólogo, PHD em Genética, Pós Doutorando em células- tronco e Neurociência pelo Instituto Salk de Pesquisas em La Jolla nos Estados Unidos e Professor da Faculdade de Medicina da Califórnia(USA)

buscando o crescimento de cada criança, ele facilita o desenvolvimento da aprendizagem. Vigotsky (1989) apud Santos (2012), acredita que o sujeito se desenvolve porque aprende. Desse modo, a brincadeira, os jogos simbólicos, o faz de conta, são momentos de desenvolvimento muito importantes.

Cada aluno autista exige um tipo de material e recurso a ser utilizado, cabe ao professor perceber as habilidades que eles possuem e aprender a desconstruir o seu olhar de que este aluno é limitado em alguns aspectos. O professor pode, e seria muito útil a seu trabalho com qualquer aluno e principalmente com alunos com a síndrome autista, utilizar os jogos como estratégias de aprendizagem para que assim possa facilitar o aprendizado do aluno e a mediação na sua prática pedagógica.

Com essa mediação, o professor poderá trilhar um caminho no qual selecionará os estímulos (jogos e brincadeiras) os mais apropriados. Portanto, quanto maior a intervenção psicopedagógica do professor, preferencialmente por meio dos jogos, maior a possibilidade de se poder afetar as habilidades e as potencialidades do aluno autista, no que diz respeito ao reconhecimento do mundo ao seu redor e à sua interação com os demais colegas da turma e funcionários da escola.

As Atividades Lúdicas: O Jogo

Defendemos aqui que brincadeira é um grande elemento de auxílio no processo de ensino-aprendizagem, e que sua presença no ambiente escolar é mais do que necessário para que haja uma aprendizagem que valha a pena para os alunos e para os professores. Porém, mesmo sabendo que a ludicidade é um aspecto facilitador no processo, as brincadeiras e o jogo na escola ainda são marginalizados, pois, apesar de serem reconhecidos como “meios de comunicação e expressão”, eles ainda obtêm uma conotação de não-seriedade. Na escola, as crianças perdem o direito de brincar, pois, segundo a crença popular e até mesmo acadêmica, a escola é um local para estudar e não brincar.

As crianças, tanto com necessidades especiais quanto aquelas que não trazem em si nenhuma síndrome ou limitação, ao brincar, descobrem, aprendem, imaginam e principalmente desenvolvem sua autonomia, promovendo assim sua compreensão de linguagem, concentração, atenção, desenvolvendo seu pensamento reflexivo e o crescimento emocional e social.

Com referência ao jogo, consideramos que tentar defini-lo: não é uma tarefa fácil. “Quando se pronuncia a palavra jogo cada um pode entendê-la de modo diferente... A dificuldade aumenta quando se percebe que um mesmo comportamento pode ser visto como jogo ou não jogo... Uma mesma conduta pode ser jogo ou não jogo em diferentes culturas, dependendo do significado a ela atribuído. Por tais razões, fica difícil elaborar uma definição de jogo que englobe a multiplicidade de suas manifestações concretas. Todos os jogos possuem peculiaridades que os aproximam ou distanciam. (KISHIMOTO, p.17-18)

O jogo é de extrema importância na vida de qualquer criança para estimular o desenvolvimento de habilidades básicas e o estímulo de novas. Porém, na vida de crianças com deficiência intelectual, o jogo é ainda mais importante pois, segundo Ide (2008, p.97) apud Mafra e Kempa o jogo dá a oportunidade ao deficiente intelectual a aprender de acordo com seu ritmo e suas capacidades, além de propiciar a integração com o mundo por meio de relações e vivências.

Defendo a escola como um espaço prazeroso e que proporcione tanto as crianças sem síndromes quanto as que possuem alguma síndrome o direito de explorar, experimentar, tocar, expressar, ou seja, vivenciar por meio de diversas atividades, em um ambiente rico de estímulos, onde o objetivo maior seja o desenvolvimento e o seu crescimento. Os jogos existentes dentro da minha instituição estimulam a linguagem, ao pensamento, a atenção, ao movimento, memória e as interações sociais.

1.3 A importância da mediação

A escola é o primeiro espaço de socialização da criança e, como já dissemos o lúdico, no cotidiano do autista, pode auxiliar significativamente as crianças a expressarem seus sentimentos e de se socializarem-se mais facilmente. É de extrema importância que seja oferecida ajuda especializada e contínua para contribuir no desenvolvimento das crianças, levando-as a um futuro com maiores oportunidades de realização. No caso das crianças que trazem dificuldades já expressas pelas síndromes que apresentam ter um profissional especializado disponível é de vital importância para que esse movimento de se pensar no futuro deles aconteça. Para Tejico apud Mousinho et al (2010. p.93), “diante da filosofia de inclusão como movimento mundial”, se tornou necessário “colocar um profissional especializado” dentro de sala com o intuito de acompanhar o aluno com necessidades educacionais especiais, que ganhou nomenclaturas diversas: mediador, facilitador, instrutor, professor de apoio etc.

Para Cunha (2013), mediar é um elo entre o estímulo e a resposta. O mediador deve estar ativamente engajado nesse elo. Podemos considerar a mediação como o processo de intervenção na relação do aluno com o conhecimento.

Na mediação, o professor utiliza atividades que permitirão o melhor desenvolvimento do aluno, o que mais se adequa ao seu perfil, atentando-se as suas qualidades, dificuldades e desafios. O caráter da mediação será avaliativo e processual, pois uma tarefa alcançada requer uma nova. Segundo Cunha (2013), quando o aprendente gosta do que faz e está interessado no que faz, o foco da atenção torna-se mais fácil, mesmo diante das dificuldades da tarefa. Quando conseguimos atrair a sua atenção, ele cria oportunidades e ganhos no seu aprendizado.

No autismo, é muito comum indivíduos com grandes limitações na linguagem. É necessário que crie mecanismos que facilite a comunicação com eles. Sendo assim, os jogos como recursos pedagógicos que contenham imagens, figuras, música, contatos sensoriais por exemplo, são de grande valia no processo de ensino – aprendizagem.

Ao falar de mediação, não podemos deixar de falar um conceito chave de Vygotsky, a zona de desenvolvimento proximal. Porém, é necessário que retomemos outros dois conceitos anteriores: zona de desenvolvimento real e zona de desenvolvimento potencial. A zona de desenvolvimento real consiste naquilo que o indivíduo já sabe e realiza com autonomia. Já a zona de desenvolvimento potencial consiste naquilo que o indivíduo tem potencialidade de alcançar, desde que seja assistida, ou seja, são tarefas que o indivíduo ainda não realiza sozinho, necessitando de instrução, demonstração ou amparo durante a realização da atividade.

Vygotsky (1996) define como zona de desenvolvimento proximal:

... é a distância entre o nível de desenvolvimento real, ou seja, determinado pela capacidade de resolver problemas independentemente, e o nível de desenvolvimento proximal, demarcado pela capacidade de solucionar problemas com ajuda de um parceiro mais experiente. (p.5)

Sendo assim, reforça-se a importância do papel do professor como mediador da aprendizagem, do conhecimento e desenvolvimento do aluno. No espaço escolar, a relação professor-aluno com deficiência deve influenciar a autoimagem desse aluno e o modo como

os demais o veem, trazendo aspectos positivos tanto para ele quanto para o restante do grupo, de forma que facilite a todos obter sucesso no processo de ensino-aprendizagem.

Infelizmente, diversas escolas ainda não estão preparadas para receber crianças com algum tipo de deficiência embora sendo muito comum ouvirmos das instituições de ensino sobre a busca pela inclusão dessas crianças dentro das salas de aula. Para que o professor consiga trabalhar realmente a inclusão que defendo, primeiramente é necessária a diminuição de alunos por turma. É meramente impossível, um professor, dentro de sala de aula, sozinho, incluir um aluno e ter mais 30, 40 alunos dentro de uma sala de aula.

O ideal para que se possa trabalhar com seriedade e respeito ao aluno com necessidade especial, é que a turma seja pequena, e não digo que tenha que ser uma turma de apoio como tem sido atualmente, e sim a sua própria turma, uma turma regular. Dessa forma, é possível que o professor tenha um maior manejo de lidar não só com o aluno incluído, mas também com os demais que muitas vezes possuem dificuldade de aprendizagem, mau comportamento, etc. Não é somente o aluno que deve se adequar à escola e sim a escola que deve se adequar a demanda de alunos que estamos tendo atualmente.

De acordo com Suplino (2009):

A proposta de educação inclusiva (Tratado de Guatemala, 1991; Declaração de Salamanca, 1994) declara que todos os alunos devem ter a possibilidade de integrar-se ao ensino regular, mesmo aqueles com deficiências sensoriais, mentais, cognitivas ou que apresentem transtornos severos de comportamento, preferencialmente sem defasagem idade-série. A escola, segundo essa proposta, deverá adaptar-se para atender às necessidades destes alunos em classes regulares. Portanto, a educação inclusiva deverá ser posta em prática numa escola inclusiva que busque ações que favoreçam a integração e a opção por práticas heterogêneas.” (p.3)

Para isso ocorrer, faz-se necessário a reformulação de políticas educacionais e de real implementação de projetos educacionais do sentido excludente ao sentido inclusivo.

1.4 – A importância da inclusão

Com base nos estudos, podemos perceber que a partir do século XX, os documentos que tratam sobre a Educação Especial começaram a ser discutidos no Brasil. Sendo assim, a 1ª Lei de Bases e Diretrizes da Educação Nacional (LDBEN), nº 4024/61, definiu que a educação fosse direito de todos e indicou que, quando possível, a educação dos

“excepcionais”, deveria ser feita dentro do sistema geral de educação, para integrá-los à sociedade. A segunda LDBEN nº 5692/71, alterou uma parte do documento, porém tornou a reafirmar e assegurar matrícula aos alunos que apresentassem algum tipo de deficiência física ou mental em rede regular de ensino.

No final da década de 80, a Constituição Federal de 88 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), estabeleceram direitos para as pessoas com deficiência. A Constituição Federal de 88 instaurou a igualdade de condições de acesso e permanência na escola, além de garantir o atendimento educacional especializado às pessoas com deficiência, preferencialmente nas redes regulares de ensino, enquanto o Estatuto da Criança e do Adolescente assegurou esses direitos.

A partir de 1994, na Espanha, surgiu a Declaração de Salamanca e o Brasil reconheceu a grande necessidade de providenciar uma educação para todos aqueles que possuem alguma necessidade especial dentro do sistema regular de ensino, centrado na criança, onde a escola pudesse atender às necessidades de seus alunos e assim a incorporou nas políticas educacionais do nosso país.

Em 1996, dando continuidade a Declaração de Salamanca, é promulgada a LDBEN Nº 9394/96, em vigor, atualmente, que ampara a inclusão e traz um capítulo exclusivamente da Educação Especial e enfatiza a importância dos alunos com necessidades especiais estudarem em escolas regulares.

Segundo Cunha (2013), houve um grande crescimento no que diz respeito ao movimento em direção à organização de espaços educativos que atendam as demandas da educação inclusiva. Os diversos documentos nacionais e internacionais como CF/88, Declaração Mundial de Educação para Todos (1990), Declaração de Salamanca (1994), LDBEN/96, Convenção de Guatemala (1999) entre outros, reconhecem a educação como um direito humano, considerando as diferenças que existem entre as pessoas e trazendo assim a necessidade de algumas mudanças significativas nas relações sociais em diferentes instituições, principalmente dentro das escolas.

Em pleno século XXI, não deveríamos discutir sobre a inclusão de pessoas com deficiência. Sabe-se que a legislação não é suficiente para garantir uma prática inclusiva dentro das escolas.

Atualmente muito se tem conversado sobre a inclusão do autista. Em 2012, foi assinada a lei nº 12.764 que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e, mais recentemente, entrou em vigor a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, nº 13146/15, que traz consigo regras e orientações para a promoção dos direitos e da liberdade de pessoas com deficiência. Apesar de ainda necessitar de regulamentação em muitos pontos, no âmbito educacional, a lei assegura a oferta de sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades de ensino, garante a adoção de um projeto pedagógico por parte das escolas que institucionalize o atendimento educacional especializado, fornecendo profissionais de apoio além de proibir nas escolas particulares a cobrança de adicionais na mensalidade.

O ambiente inclusivo e adequação de seus sistemas educacionais as necessidades especiais de cada indivíduo, não deve se restringir somente aos alunos com deficiência, porém, é muito comum encontrarmos diversas escolas que realizam exames admissionais com os alunos para serem aceitos.

Segundo Suplino (2009, p.2), a Declaração de Salamanca (1994) fala da inclusão desses indivíduos nas escolas regulares como forma de democratização das oportunidades educacionais, porém, devemos de ter cuidado para não confundirmos inclusão com colocação, partindo da ideia de que “democratizar as oportunidades” seja apenas colocar os alunos com necessidade especiais nas escolas, o que de alguma forma já vem acontecendo no Brasil, e isso não significou um ato democrático, no sentido de dar oportunidade iguais para todos. Uma vez que o acesso vem sendo garantido, é necessário que a permanência se dê com qualidade.

Os recursos pedagógicos, em uma proposta inclusiva, podem ser realizados por qualquer aluno, da educação regular ou especial, em situações de dificuldades ou não. Consideramos que nós, humanos, não aprendemos da mesma forma, sendo assim, a escola deve ser inclusiva, estando atenta e tentando encontrar meios para facilitar o processo de ensino-aprendizagem para o maior número possível de alunos, ou seja, devemos investir em diferentes formas de desenvolver os conteúdos. O material pedagógico não é conteúdo curricular, mas é o instrumento que causa o estímulo ao aluno e, para o aluno autista, a princípio, o que importa não é tanto a capacidade acadêmica mas sim a aquisição de habilidades sociais e a autonomia. A ludicidade, quando presente no processo educacional da

criança, contribui de maneira muito mais prazerosa para o desenvolvimento de habilidades motoras e do conhecimento do indivíduo. A brincadeira quando está presente dentro da sala de aula, torna-se o aprendizado mais descontraído e eficiente.

Segundo Cunha (2011), para que a criança autista não se torne um adulto incapaz de realizar simples tarefas do nosso dia a dia, ela precisa aprender diversas atividades que o tornará muito mais independente durante o seu crescimento. Vale ressaltar que os jogos não servem somente para os alunos aprenderem os conteúdos, mas, também, para promover o desenvolvimento das habilidades que podem ser úteis em diversos contextos do nosso dia a dia.

CAPÍTULO 2 UMA ESCOLA SONHADA E QUE HOJE EXISTE

Fundado em 01 de outubro de 2007, o Colégio X, localizado na zona Sul do Rio de Janeiro, surgiu por conta de uma avó pedagoga que tem um neto autista, e, cansada de procurar escolas que trabalhassem realmente o que ela entende por inclusão, resolveu abrir a sua própria instituição. É uma escola regular e que possui um regimento totalmente voltado para a inclusão escolar.

O número de alunos por turma é reduzido a dez alunos, possibilitando o trabalho em grupo, as intervenções pedagógicas necessárias, maior possibilidade de troca entre os alunos e mais espaço para que os mesmos se expressem. O currículo é adaptado, focando a funcionalidade e a interação dos indivíduos com necessidade especiais, como consta na LDBEN 9394/96 no Artigo 59 em seus incisos I,II,III E IVA mesma defende um Currículo Funcional, ou seja, um currículo que possua objetivos educacionais que enfatize o aprendizado onde seja utilizado para sua vida no momento atual ou em médio prazo. Quanto à avaliação do ensino fundamental da instituição que aqui apresento, a média anual é obtida por meio da média aritmética das notas bimestrais, sendo 6 (seis) a nota mínima para promoção. As notas possuem um conceito específico, registrado no regimento interno da instituição e no boletim escolar e são expressas da seguinte forma:

Conceito A – aluno com um nível de domínio de conhecimentos essenciais no âmbito das competências requeridas para o bimestre.

Conceito B – aluno com um nível de domínio de conhecimentos suficientes no âmbito das competências requeridas para o bimestre.

Conceito C – aluno com necessidade de algumas aprendizagens para obter o domínio dos conhecimentos no âmbito das competências requeridas para o bimestre discriminadas no relatório descritivo.

Conceito D- aluno com excesso de faltas ou insuficiência de instrumentos avaliativos que demonstrem as competências requeridas para o bimestre.

Conceito AD – aluno com domínio de conhecimentos e formas de expressão diferenciadas por ser portador de necessidades educativas especiais.

A prática pedagógica adotada pela escola é a de Pedagogia de Projetos tal qual proposta inicialmente por Dewey, ou seja, enfatiza a experiência do aprendente e considera que a educação possui um papel social que deve promover o sujeito de forma integrada.

Sendo assim, a metodologia de projetos permite com mais facilidade a construção do conhecimento através do interesse do aluno. A proposta da “metodologia de projetos” surgiu com contribuição de Dewey e de Kilpatrick, não sendo, portanto, uma proposta nova, mas sim inovadora em seu tempo, a Escola Nova, até hoje em dia. Segundo os autores, esta deveria ter algumas características: o incentivo de uma ação que interessasse os alunos dentro de um plano de trabalho; vários modos previstos para a apresentação da temática e a fuga aos meios tradicionais de ensino, ou seja, que a aprendizagem se desse num ambiente natural.

Por outro lado, como contraproposta, Dewey (apud HERNÁNDEZ,1998) aponta também algumas condições de desenvolvimento para a garantia do êxito do projeto: ter somente o interesse do aluno, ainda que seja básico, não é suficiente; a atividade precisa apresentar-se com motivação intrínseca, ou seja, o interesse do aluno deve estar no prazer do exercício da atividade em si e não no que possa obter com isso (exemplo: visar apenas a nota); que o projeto seja sempre apresentado em forma problematizada, no curso do seu desenvolvimento de maneira a aguçar a curiosidade do aprendente, a busca prazerosa por mais informações a respeito do tema, de tal forma que a aprendizagem não se restrinja apenas o que lhe foi apresentado; que o tempo oferecido para a execução da atividade tenha uma margem maior, pois, sua finalidade não é, e nem sempre será, chegar rapidamente ao fim”. (MAIA, 2016)

A escola também adota em sua prática pedagógica a defesa de Pestalozzi apud Cardoso (1972), onde defende que a criança deve formar ideias mediante aos atos que ela executa diariamente. A valorização da experiência é essencial na formação do conhecimento do indivíduo.

O Colégio possui como base os trabalhos dos autores citados anteriormente e, no seu cotidiano, trabalha com dois tipos de projetos: os projetos menores, que envolvem particularmente uma determinada turma, e os projetos maiores que envolvem toda a escola.

De acordo com Maia (2016), o trabalho com projeto é de suma importância em qualquer segmento da Educação. Em um trabalho ainda em construção de sua autoria, realizei uma ²entrevista onde ela nos explica o motivo dessa escolha para seu trabalho com jogos e projetos. A mesma relatou que tanto para a Psicopedagogia quanto para a Educação Infantil o trabalho com projetos é uma forma de trabalhar com a autonomia e a autoria de pensamento, além disso, é possível abrir mais espaço para que o ato de criar possa aparecer. Sendo assim,

ter como principal tema de trabalho a criatividade, a ludicidade, a docência e a formação docente, escolher esta técnica dentre outras que serão aproveitadas para o levantamento de dados é uma forma de atuar no que se denomina de docência criativa.

Barbosa (2003) ressalta que:

o projeto de trabalho foi elaborado com a importante função de devolver a potência ao aprendiz e auxiliar no rompimento do ciclo de inibição de aprendizagem”. Nesse sentido, podemos afirmar que ao trabalharmos com os docentes participantes desta pesquisa projetos de trabalho, estaremos abrindo exatamente um espaço de ressignificação do fazer docente, podendo neste haver a apresentação de propostas metodológicas diferentes das utilizadas por eles e igualmente abrir espaço para a escuta daquilo que não pode surgir em sala de aula, mas que é falado nas salas dos professores e nas reuniões de coordenação: “não sei mais o que fazer com essa turma”. (p.21)

Em 2012, em uma turma de 4º ano do ensino fundamental desta escola, lócus de minha pesquisa, a partir do interesse de uma aluna pelo clube do Fluminense e pelo fato de o time ser o mais suspeito em ganhar o Campeonato Brasileiro, surgiu a ideia de realizar um projeto. A turma foi levada por mim até um treino do time. Lá, eles assistiram o mesmo e, após o término do treino, aguardaram a saída dos jogadores para tirarem fotos e pegarem autógrafos. Ao trazer o material para a sala de aula, confeccionamos um jornal da turma, onde os alunos realizaram uma pesquisa fazendo um levantamento do time dos pais. A partir daí, traçamos um gráfico. Realizamos diversas atividades relacionadas ao futebol brasileiro e as mesmas foram fixadas ao jornal. Em todo o tempo em que estive como professora da instituição, foi um dos projetos que mais me chamou a atenção.

Abaixo seguem algumas imagens do jornal confeccionado pela turma acima citada:

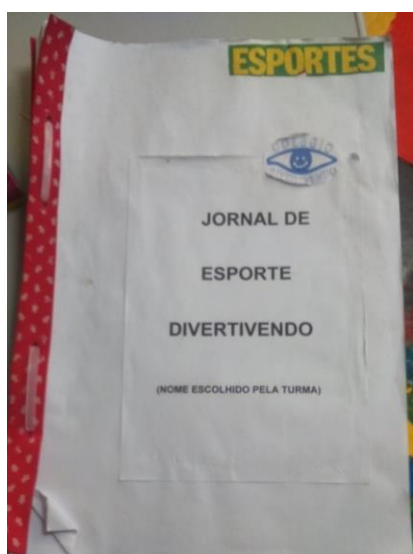


Imagem 1 – Capa do Jornal



Imagem 2 – Pintura de Alfredo Volpi e texto coletivo construído pela turma



Imagem 3 – Gráfico construído pela turma de acordo com o time dos pais.



Imagem 4 – Pesquisa dos escudos dos times dos pais.

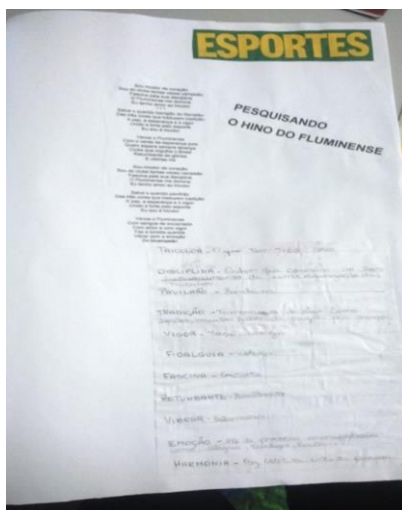


Imagem 5 – os alunos procuraram no hino do time do Fluminense as palavras que não sabiam seu significado, procuraram no dicionário e escreveram no jornal.

No recreio, os alunos sempre tiveram o costume de ouvir músicas de Vinícius de Moraes. Em 2013, o ano em que foi comemorado o seu centenário, surgiu a ideia de trabalhar um projeto que envolvesse toda a escola. Os alunos foram a uma aula passeio no teatro SESI, localizado no Centro do Rio, onde contavam a história de Vinícius, quem ele era e falava da sua importância para a música nacional brasileira. A partir dessa aula passeio, foi dada continuidade ao projeto, trabalhando as músicas que as turmas mais gostavam de ouvir. Para finalizar o projeto, as turmas confeccionaram livros com poesias de Vinícius.



Imagem 6 – Capa do Livro do Projeto de Vinícius de Moraes



Imagem 7 – Parte interna do livro. Os alunos formaram frases de acordo com a arte feita por eles na borboleta

Fui professora da instituição de 2011 a 2013 e pedi demissão pelo fato de não conseguir conciliar minha vida acadêmica com a docência. Em 2015, por conta de um sonho da dona da escola em transferir para os outros os jogos pedagógicos que ela criou, a mesma realizou, na própria instituição, um curso de capacitação para pais, estudantes e profissionais da educação, mostrando diversas possibilidades de criar jogos com sucatas que auxiliam não somente no desenvolvimento do aprendizado dos alunos com necessidades especiais como dos alunos em geral. Esse movimento se coaduna com o pensamento de Suplino (2009 p.5), quando este nos marca que “a escola deve levar muito em conta ao que tem a oferecer a tais alunos e precisa acreditar que a permanência deles dentro da mesma trará muitos benefícios não só para eles mas também para toda a comunidade escolar”. A quantidade de jogos feitos pela fundadora da escola foi significativa, e por ter espaço livre na escola, a mesma criou uma **sala de jogos**, visando solucionar as dificuldades encontradas nas salas de aula tanto por alunos com necessidades especiais quanto por alunos regulares matriculados na escola.

Três anos depois de ter abandonado a sala de aula, tive o convite da dona da instituição para assumir a escola. A dona da instituição, por não ter mais saúde de levar o trabalho à frente, ofereceu-me a escola e a mais duas amigas que também são professoras do colégio. Aceitamos o desafio e estamos tentando dar o nosso melhor, dando continuidade ao trabalho que vem sendo oferecido desde 2007.

Diante dessa mudança de lugar na instituição eu, sendo agora também gestora da escola, voltei a ter algumas dúvidas e inquietações. Nesse momento de novos papéis, foi realizada uma entrevista com a fundadora com três perguntas que sempre a inquietaram. A partir deste momento todo o relato e análise que daqui adiante será de proposta dela, a partir de desejos e realizações dela. A minha primeira pergunta foi saber se ela depois que teve a experiência com a inclusão de seu neto em uma escola regular acreditava na inclusão dos alunos autistas em classes regulares e porquê. Ela me respondeu que acredita porém a inclusão requer a adoção de Diretrizes Específicas e que dentre elas estava a redução para dez alunos em sala de aula, pois sem esta redução, o professor pode ser especialista em autismo que não irá conseguir incluir o aluno em uma turma de vinte ou trinta alunos em sala de aula e que também é de extrema importância que as atividades e avaliações realmente sejam individuais, com um currículo funcional e vivenciado, com jogos pedagógicos específicos para cada dificuldade apresentada, com uma capacitação contínua dos professores e um acompanhamento mensal dos pais e terapeutas do aluno.

Minha segunda pergunta foi saber qual era o método mais adequado para trabalhar com crianças autistas, ela me respondeu que não existe um método único pois somos todos diferentes e únicos, porém ela sempre viu resultados muito significativos nas aprendizagens concretas, vivenciadas e lúdicas e por isso a escola trabalha com Pedagogia de Projetos onde o conteúdo é bem vivenciado pelo aluno. A alfabetização inicia-se pela identificação dos nomes e em seguida o professor busca saber os interesses dos alunos. Ela me deu o exemplo de que se o aluno gosta do desenho da “Peppa”, inicia-se o processo pela letra P.

A última pergunta foi procurar saber o porquê de ter criado a Escola e ela relata que na vida temos dois caminhos a seguir: Optar por caminhar como mero expectador ou caminhar com coragem sendo o protagonista da sua própria história. Ela atrás de escolas para seu neto, visitou quase cinquenta no Rio de Janeiro e diante de todo o seu conhecimento sobre o assunto havia chegado à conclusão de que a inclusão ainda era para os educadores apenas uma porta aberta. Ela buscou saber das escolas que visitou o processo pedagógico que ofereciam e não encontrou absolutamente nenhum trabalho real e em muitas das vezes, nem boa vontade para aprenderem. Nada sabiam, não estavam dispostos a mudar e entendeu que cabia a ela a responsabilidade de fazer com que seu neto tivesse o direito de ser um cidadão. Sonhou, concretizou a melhor Escola possível para realmente atender às necessidades especiais dos alunos. A ex diretora termina a entrevista dizendo que é uma Escola que diz “Sim à Vida”.

Perante a posição da ex diretora da instituição que aqui relato em sonhar e realizar uma escola que “Diz sim à Vida”, o nosso lema envolve o conceito pleno de vida. Vida como trabalho, como inclusão na sociedade, entendimento das relações, como funcionalidade entre outros. Para que esse conceito seja respeitado, é necessário que todos estejam incluídos no sistema educacional. Somos únicos! Cada um aprende no seu tempo e de uma maneira diferenciada, cabe a escola, aos professores e aos pais criarem estratégias que respeitem a individualidade e que promovam permanentemente o desenvolvimento da criança autista. Diante do que aqui relato, as escolas estão de fato preparadas para receber esses alunos?

É de extrema importância que as escolas comecem imediatamente as mudanças necessárias de acordo com as leis, para que haja realmente a inclusão de crianças autistas que aqui defendo. Essas crianças precisam SIM estar dentro das escolas. As histórias relatadas pelos diretores de instituições de que “*não há vaga para seu filho*”, é, na maioria das vezes, o

medo de ter uma criança incluída em sua escola, da reação dos pais diante de ter na companhia de seu filho uma criança autista ou até mesmo falta de conhecimento e de capacitação dos profissionais da área de educação, porém, isso não é motivo para negar uma vaga à uma criança. A educação para todos como compreendo, só acontecerá na prática, quando for levada capacitação para todos os profissionais da área de educação, desmistificando assim o estereótipo de que “autismo é assim mesmo”. Não, o autismo é tratável e é possível educar pessoas com autismo, a aprendizagem é uma característica do ser humano. O aluno deve ser olhado integralmente, e, no caso dos autistas é fundamental que ele também tenha um olhar e um acompanhamento de suas dificuldades, colaborando assim no processo de ensino aprendizagem. O ensino e aprendizagem são dois movimentos que se ligam na construção do conhecimento e a construção do conhecimento do aluno autista na escola que aqui relato, inicia-se dentro de uma sala de jogos. Sala essa que TODOS os alunos podem entrar, observar e jogar com os materiais que a própria equipe da escola confeccionou para facilitar e dar apoio ao processo de ensino.

Felizmente a avó que cito nesse capítulo, teve condições financeiras de abrir a sua própria escola, capacitar profissionais, criar uma sala de jogos e assim dar ao seu neto a educação que tanto ela procurava e que também defendo. Hoje ela deixa para diversas crianças a oportunidade de terem uma educação séria e realmente inclusiva, dando ênfase na busca pela autonomia do indivíduo, deixa para mim, autora desta monografia, a obrigação de dar continuidade ao seu belo trabalho realizado desde 2007. Porém, reconheço que não é uma realidade de todas as escolas, mas a partir do ideal que defendemos, qualquer escola tem condições de realizar o mesmo trabalho, basta se importar verdadeiramente com essas crianças, para que as mesmas não fiquem perdidas no mundo. A lei está em vigor e deve ser cumprida.

CAPÍTULO 3: A SALA DE JOGOS DE UMA ESCOLA SONHADA – A CRIATIVIDADE EM JOGO A FAVOR DA INCLUSÃO

Diante de um universo de jogos criados pela equipe da instituição no intuito de auxiliar no aprendizado dos alunos com e sem deficiência, decidi que faria na minha monografia um registro dos mesmos e seus usos para que outros professores pudessem ter conhecimento do que havia na minha escola e, principalmente, poder fazer um inventário que servisse à própria escola em seu processo de se instituir como um lugar brincante. Assim sendo, me ocupo de analisar cada jogo da instituição, fazendo as considerações pertinentes sobre este material e sua importância para a inclusão de alunos autistas em sala de aula regular e para o aprendizado de habilidades necessárias para ao desenvolvimento de suas competências.



Imagem 8 – Trabalhando o nosso rosto

Material utilizado: Emborrachado, placas de propaganda eleitoral, velcro.

Objetivos: Com este material tanto o aluno com síndrome quanto o sem síndrome poderá desmontar e montar as partes do rosto dos bonecos, com isso o aluno será capaz de aprender a ter consciência de seu próprio corpo.

Segmento a ser trabalhado com aluno sem deficiência intelectual: Educação Infantil.

Segmento a ser trabalhado com aluno com deficiência intelectual: Educação Infantil e Ensino Fundamental.



Imagem 9 – Jogo de tabuleiro matemático

Material utilizado: Caixa de pizza, saquinhos plásticos, tampinhas de garrafa, papel colorido, contact, velcro e placas de propaganda eleitoral.

Objetivos: Nesse jogo é possível que o professor reforce o conhecimento das 4 operações, os alunos poderão utilizar como recurso para a contagem as tampinhas de garrafas e montar as contas no bloquinho.

Segmento a ser trabalhado com aluno sem deficiência intelectual: do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

Segmento a ser trabalhado com aluno com deficiência intelectual: do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.



Imagem 10 – Aprendendo as horas

Material utilizado: Imagens com diversas ações, fotos dos alunos, contact, imagem de um relógio, cartolina, caixa de presente, tecido.

Objetivos: Aprender de forma concreta a ver as horas, identificar nas imagens o horário que está marcando em cada relógio e montar uma sequência lógica de atividades diárias. (acordar, escovar os dentes, tomar café...).

Além disso, para o autista é possível construir uma rotina para a organização do seu pensamento.

Segmento a ser trabalhado com aluno sem deficiência intelectual: 2º e 3º ano do ensino fundamental.

Segmento a ser trabalhado com aluno com deficiência intelectual: do 2º ao 5º ano do ensino fundamental.



Imagem 11 – Par ou Ímpar

Material utilizado: Placas do mesmo tamanho de madeira, números digitados, caixa de presente, papel de presente, contact, botões e velcro.

Objetivos: Trabalhar o conceito de par e ímpar, identificar os numerais de 0 a 9.

Como se joga: Na sala de aula, o primeiro conceito a ser trabalhado é o de par como, por exemplo: o par da dança, o par do sapato entre outros. O jogo é composto por 10 placas do mesmo tamanho, de madeira. Cada uma para um número de 0 a 9 com botões representando a quantidade correspondente do número da placa. Os botões são montados nas placas sempre em pares, quando o número for ÍMPAR, sobrar sempre um botão e o aluno irá perceber através desta sobre. (ele ficou sem par, então o número é ímpar). Na parte de baixo da placa, possui um espaço com velcro, onde a criança irá colar a palavra PAR OU ÍMPAR. Essas palavras são encontradas dentro da caixa do jogo.

Segmento a ser trabalhado com aluno sem deficiência intelectual: 3º e 4º ano do ensino fundamental.

Segmento a ser trabalhado com aluno com deficiência intelectual: 3º ao 5º ano do ensino fundamental.



Imagem 12 - Pareamento

Material utilizado: porta talheres, palitos de sorvete pintados, tampas de garrafas pet.

Objetivos: Parear os objetos de mesma cor, mesmo tamanho, mesma quantidade, utilizar como ferramenta de contagem.

Segmento a ser trabalhado com alunos sem deficiência intelectual: Ed. Infantil.

Segmento a ser trabalhado com aluno com deficiência intelectual: Ed. Infantil e Ensino Fundamental (1º ao 5º ano).



Imagem 13 – Caça Palavras

Material utilizado: Caixa de pizza, tampinhas de garrafas pet, sílabas digitadas, cartolina, caneta de quadro branco, elástico, contact.

Objetivos: Reforçar o processo de alfabetização procurando palavras de pouca dificuldade, formar frases, textos e ditados.

Como se joga: O aluno deverá procurar no caça palavras as palavras que estão no quadro ao lado e prendendo as palavras com os elásticos. Ao encontrar cada palavra, ele deverá riscar no quadro as que já foram encontradas.

Segmento a ser trabalhado com criança sem deficiência intelectual: 1º e 2º ano do ensino fundamental.

Segmento a ser trabalhado com crianças com deficiência: do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.



Imagem 14 – Grande ou Pequeno?

Material utilizado: Caixa de queijo, objetos iguais de tamanhos grandes e pequenos.

Objetivos: Observar o tamanho dos objetos, explorar o sensorial.

Segmento a ser trabalhado com aluno sem deficiência intelectual: Ed. Infantil.

Segmento a ser trabalhado com aluno com deficiência intelectual: Ed. Infantil, 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental.



Imagem 15 - Formas geométricas e cores

Material utilizado: Quadros de tecido para pintura de diversos tamanhos, peças geométricas de madeira, velcro.

Objetivos: Reforçar o conteúdo de formas geométricas de forma lúdica, reconhecer as cores primárias, trabalhar o sentido de figura/fundo.

Como se joga: Através dos desenhos já riscados na tela, o aluno deverá completar o mesmo com as peças geométricas, formando o desenho proposto.

Segmento a ser trabalhado com criança sem deficiência intelectual: Ed. Infantil.

Segmento a ser trabalhado com criança com deficiência intelectual : Ed. Infantil e Ensino Fundamental (1º e 2º ano).



Imagem 16 - Alfabeto móvel

Material utilizado: Placas de madeira do mesmo tamanho, alfabeto de papelão, 1 objeto de vivência dos alunos para cada letra do alfabeto, velcro e uma caixa grande de papelão.

Objetivos: Apoiar a alfabetização identificando as respectivas letras, montar palavras, formar frases e pequenos textos.

Como se joga: O professor mostrará a placa com a letra para o aluno, o mesmo deverá procurar dentro da caixa o objeto que se inicia com a letra correspondente. Só existe 1 objeto para cada letra. Para os alunos que já são alfabetizados, após colarem o objeto na placa, deverão escrever em seu caderno o nome do objeto e formar uma frase ou texto.

Segmento a ser utilizado com criança sem deficiência intelectual : 1º e 2º ano do ensino fundamental.

Segmento a ser utilizado com criança com deficiência intelectual: do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.



Imagem 17 – Explorando o cotidiano

Material utilizado: Caixa de presente, dado, diversas imagens de ações, fotos dos alunos em diversas ações, placas de propaganda eleitoral, contact.

Objetivos: Trabalhar a questão de passado, presente e futuro, conjugando os verbos adequadamente.

Como se joga: O aluno deverá escolher uma placa da caixa, após ter escolhido, deverá jogar o dado. Ele deverá observar o número que deu no dado e corresponder à numeração da imagem/foto na placa. Feito isso, deverá dizer que ação está acontecendo na imagem.

Segmento a ser utilizado com criança sem deficiência intelectual: 2º e 3º ano do ensino fundamental.

Segmento a ser utilizado com criança com deficiência intelectual: do 2º ao 5º ano do ensino fundamental.

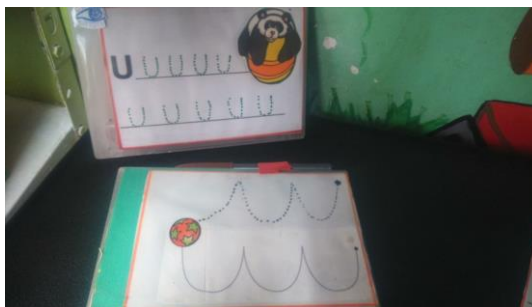


Imagem 18 - Descobrindo as profissões

Material utilizado: box de DVD, cartões com atividades diversas de pontilhado, caneta de quadro branco.

Objetivo: Reforçar o estímulo da coordenação motora fina.

Como se joga: Dentro do box de dvd, há diversos cartões onde o professor e/ou aluno poderão escolher e coloca-los dentro do plástico do dvd. Feito isso, o aluno deverá cobrir os pontilhados do cartão com caneta de quadro branco para que após realizar a atividade, possa apagar para que outros alunos possam utilizar.

Segmento a ser utilizado com crianças sem deficiência intelectual: Ed. Infantil.

Segmento a ser utilizado com crianças com deficiência intelectual: Ed. Infantil, 1º e 2º ano do ensino fundamental.



Imagem 19 - Descobrindo as profissões

Material utilizado: Caixa de papelão, imagens de diversas profissões.

Objetivo: Reconhecer as profissões, identificar profissões de familiares.

Como se joga: Dentro da caixa há diversas profissões. O professor deverá tirar uma imagem e mostrar ao aluno, ele deverá dizer qual é a profissão. Após descobrir a profissão, o aluno poderá escrever em seu caderno o nome, uma frase e até um pequeno texto.

Segmento a ser utilizado com criança sem deficiência intelectual : 2º e 3º ano do ensino fundamental.

Segmento a ser utilizado com criança com deficiência intelectual: do 2º ao 5º ano.



Imagem 20 - Ontem, hoje e amanhã

Material utilizado: Caixa de papelão, imagens com diversas ações de vivências dos alunos.

Objetivo: Compreender de forma lúdica os tempos verbais.

Como se joga: O aluno deverá escolher uma figura que sempre será uma ação e a professora deverá alimentar a figura com perguntas. Ex: ONTEM você estudou HOJE você estuda, AMANHÃ você estudará.

Segmento a ser utilizado com criança sem deficiência intelectual: 3º e 4º ano do ensino fundamental.

Segmento a ser utilizado com criança com deficiência intelectual: do 3º ao 5º ano.



Imagem 21 - Trabalhando as formas, cores e quantidade

Material utilizado: Caixa de papelão, formas geométricas coloridas e de madeira.

Objetivos: Reconhecer as formas geométricas e as cores.

Como se joga: Ao lado de cada buraco da caixa, há o modelo da peça de madeira que o aluno deverá observar e jogar as formas geométricas no local correto e na cor certa.

Após o aluno colocar as peças corretamente, ele poderá contar quantas formas geométricas possuem cada uma e quais são as cores.

Segmento a ser utilizado com criança sem deficiência intelectual: Ed. Infantil, 1º ao 3º ano do ensino fundamental.

Segmento a ser utilizado com criança com deficiência intelectual: Ed. Infantil, 1º ao 5º ano do ensino fundamental.



Imagem 22 - Alinhavo

Material utilizado: Emborrachados coloridos, objetos correspondentes à quantidade de cada número e cadarços.

Objetivos: Identificar os numerais, exercitar a coordenação motora fina e reconhecer as cores.

Como se joga: O aluno deverá alinhar os numerais, observando cada furo do numeral, colocando o cadarço um a um.

Segmento a ser trabalhado com aluno sem deficiência intelectual: Ed. Infantil.

Segmento a ser trabalhado com aluno com deficiência intelectual: Ed. Infantil, 1º e 2º ano do ensino fundamental.



Imagem 23 – Livro Sensorial

Material utilizado: tecidos diversos, feltro, miçangas, velcro e botões.

Objetivo: Exercitar o conteúdo das formas geométricas, cores e numerais até 10, trabalhar o conceito de lateralidade, higiene e esquema corporal.

Segmento a ser utilizado com criança sem deficiência intelectual: Ed. Infantil, 1º e 2º ano do ensino fundamental.

Segmento a ser utilizado com criança com deficiência intelectual: Ed. Infantil, 1º ao 3º ano do ensino fundamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De tudo que foi analisado nesse trabalho, fica enfatizado que busquemos alternativas de ensino que possibilitem a todos os indivíduos, de forma indiscriminada, o acesso à informação e aos meios de formação de conhecimento e desenvolvimento pleno. O material apresentado neste trabalho é um recurso muito rico, de grande efeito e que responde às necessidades lúdicas, intelectuais e afetivas, estimulando a vida social e representando, assim, importante contribuição na aprendizagem dentro da sala de aula regular, tanto dos alunos com autismo quanto de alunos neurotípicos, permitindo o acesso à educação em seu sentido mais amplo em uma sociedade heterogênea. Todos os materiais aqui propostos são de utilização de todos, com restrições somente no que se diz respeito às habilidades cognitivas que os alunos já possuem.

É necessário que se comece a refazer os materiais pedagógicos oferecidos aos alunos incluídos em classes regulares atualmente, para que assim possa haver de fato avanços, benefícios e facilidades para sua escolarização.

Para que realmente a inclusão de alunos autistas ocorram, os professores precisam de mais capacitações na área, pois qualquer profissional de educação poderá receber um aluno autista em sua sala de aula e não podemos mais ficarmos sem saber o que fazer e como ajudar.

No que concerne à possibilidade de inclusão de alunos com autismo dentro das salas regulares, aplicando os jogos como recursos psicopedagógicos, o presente trabalho ratifica plenamente esta consideração.

Segundo Maia (2014), a utilização do lúdico na escola não visa a competir ou retirar o espaço das disciplinas e sim agregar valores, motivar a participação dos alunos e desenvolver outras formas de conhecimento.

Desenvolver materiais pedagógicos que possam ser utilizados por todos os alunos da classe incluindo os autistas, é aparentemente desafiador, porém, quando cada acontecimento se transforma em possibilidades, a sensação é de que as etapas estão sendo vencidas.

Concluimos que a criança autista precisa de um espaço de estímulos que sejam planejados ora individualmente, ora coletivamente, construídos de forma flexível e que o progresso do aluno tenha respeito às suas diferenças e aos ritmos do desenvolvimento.

Desde 2014, quando os jogos foram criados pela equipe da instituição, pudemos observar grandes resultados em relação ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos com e sem síndromes.

A intenção a partir do ano de 2017 é que seja criado um jogo para cada conteúdo a ser trabalhado em sala de aula, para que possamos continuar proporcionando aos alunos um material concreto que facilita no processo de ensino aprendizagem, não somente de alunos com autismo, mas de todos os demais, pois o jogo pedagógico é um recurso muito significativo dentro da sala de aula.

Se obtemos resultados na relação do ensino e aprendizagem com as crianças desta instituição, deixo como uma possível metodologia para proporcionar um aprendizado tão significativo a milhares de outros educandos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, CIDÁLIA et al. **Estudo de Caso. Métodos de Investigação em Educação.** Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2008. Disponível em<http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo_caso.pdf>. Acesso em 19 jan. 2016.

CARDOSO, F. J. **As Ideias Pedagógicas de Pestalozzi.** 1972.

CUNHA, EUGÊNIO. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família.** 3.ed. Rio de Janeiro: Wak Ed.,2011.

CUNHA, EUGÊNIO. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas.** Rio de Janeiro: Wak Ed. 2013.

KISHIMOTO, TIZUKO M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** 14. ed.São Paulo: Cortez,2011.

MAIA, M.V.C.M. **Criar e brincar: o lúdico no processo de ensino e aprendizagem.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

MARTINS, M.R.R. **Inclusão de alunos autistas no ensino regular: Concepções e Práticas Pedagógicas de Professores dirigentes.** Disponível em <<https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/bitstream/123456789/1887/1/Texto%20Completo.pdf>> Acesso em 27 de novembro de 2016.

MOUSINHO, RENATA et al. Mediação escolar e inclusão: revisão, dicas e reflexões..**Rev. Psicopedagogia**, São Paulo, vol. 27, n. 82, p.92-108, 2010

ORRÚ, S.E. **O que os pais devem saber?** 2.ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

RABELLO, E.T. e PASSOS, J. S. **Vygotsky e o desenvolvimento humano.** Disponível em<http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/38699285/desenvolvimento_humano.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1480521507&Signature=CX9g4U7KzAtHElAtKh1CNEF4ciw%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DVygotsky_e_o_desenvolvimento_humano.pd> Acesso no dia 13 de outubro de 2016.

SUPLINO, MARYSE. **Inclusão Escolar de alunos com autismo.** 2009

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes. 1989

_____, Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.** Brasília

_____, Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília.

_____, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

_____, Secretaria de Educação Especial. **Declaração de Salamanca sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. SEESP, Brasília: UNESCO, 1994.

_____, **Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil**. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990.

_____, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

_____, Convenção da Organização dos Estados Americanos DECRETO Nº 3.956, DE 8 DE OUTUBRO DE 2001. **Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência**.